

VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL
ano 8 / nº 20 / 1º semestre de 2024

 Colégio
**VITAL
BRAZIL**
A força do ensino

Clara Basso e
Manuela Kassama





Uma chave para ler o mundo

Cátia Alves, coordenadora pedagógica, explica o conceito de multiletramento e os seus benefícios

O que é o multiletramento?

É um conceito muito ligado ao avanço tecnológico, que permitiu a nossa conexão com o mundo e seus inúmeros aspectos e realidades. O multiletramento nos dá ferramentas para fazer a leitura do mundo e compreendê-lo. É um conceito criado nos anos 1990 pelo New London Group, uma equipe de dez pesquisadores acadêmicos de Londres, de áreas relacionadas à educação linguística, diante das possibilidades de conexão e de interação oferecidas pela internet.

O que o multiletramento proporciona para os estudantes?

Ele oferece estratégias para que os estudantes se comuniquem de forma eficaz, absorvam e produzam informações por vários meios. O multiletramento faz com que a interação e o aprendizado se tornem uma experiência mais pluralista, carregada de pensamento crítico, de potencial para a resolução de problemas, oferecendo ao aluno a capacidade de transitar entre várias perspectivas e modos de pensar.

E como isso se processa na prática?

A gente trabalha com todas as linguagens que fazem parte do multiletramento: escrita, oral, visual, sonora, tátil, gestual e a linguagem emocional e espacial. Essa abordagem está presente não só nas disciplinas curriculares, como em nossas oficinas no contraturno

escolar. A experiência do teatro, por exemplo, é um espaço para isso, assim como as oficinas de artes visuais, de algoritmos, o núcleo de cinema. Todos oferecem a possibilidade de sair da caixinha da sala de aula tradicional, onde a experiência do multiletramento às vezes fica restrita.

Pode-se dizer, então, que a ideia é ampliar os espaços e formas de aprender?

Sem dúvida. Vou dar o exemplo de uma atividade que é comum aos vários segmentos da escola: a nossa Mostra Cultural, que acontece em outubro. Os projetos que os alunos apresentam na Mostra têm muito da abordagem proporcionada pelo multiletramento. Os alunos fazem uma saída pedagógica para levantar informações sobre o tema que vão tratar no projeto, o que pode envolver entrevistas, o levantamento de artigos e reportagens publicadas pela mídia, entre outras possibilidades. Depois, vão debater a respeito do conteúdo reunido, definir o projeto e como ele será apresentado. Pode ser um podcast, uma concepção artística, uma instalação. Enfim, a linguagem ou as linguagens que eles considerarem as mais apropriadas para transmitir a mensagem desejada.

Quais são os principais benefícios que o multiletramento proporciona?

O multiletramento oferece o conhecimento de culturas diversas. Abre a possibilidade de entrar em contato com valores e comportamentos diferentes do nosso. Dessa forma, você exercita a diversidade, desenvolve habilidades que permitem transitar em diversos contextos socioculturais de forma equilibrada e respeitosa. Proporciona um ganho em empatia. Tem também a questão das habilidades de comunicação, que se ampliam, assim como a criatividade. Transitar por espaços diferenciados também abre a possibilidade de sermos mais colaborativos. E um dos ganhos principais, a meu ver, é que o multiletramento permite o desenvolvimento do pensamento crítico, da argumentação fundamentada. Você sai do campo do “eu acho” e passa a conhecer de fato. Acho que perdemos muito com o isolamento social em consequência da pandemia. O multiletramento favorece esse resgate.

Tem um ponto interessante aí, uma vez que o isolamento social aliado à tecnologia foi o que levou muita gente a abrir janelas para o mundo, não?

Sem dúvida, os meios digitais proporcionaram esse contato. Mas acho que faltavam ferramentas para a gente transitar por todas essas janelas de forma adequada. Ferramentas que o multiletramento proporciona.

O multiletramento se apoia em recursos que extrapolam a aula tradicional. Como os professores lidam com esse desafio?

Acho que o segredo é o equilíbrio. O modelo tradicional da aula é necessário. É o momento em que você faz a sistematização e a sedimentação dos conceitos que são necessários para acessar de maneira competente as janelas que estão abertas para o nosso uso. Outro dia, uma turma do 7º ano teve uma aula sobre bisettriz, um conceito abstrato. Depois da teoria, a garotada foi para o espaço maker e começou a construir protótipos de madeira para testar e verificar o conceito geométrico. O equilíbrio é conciliar o conceito visto na sala de aula e, no exemplo que dei, também sob o prisma proporcionado pela tecnologia.

Em uma definição resumida, quem é esse aluno multiletrado?

É alguém com um pensamento crítico, acima de tudo. Alguém que consegue argumentar de forma fundamentada, que sai do lugar-comum, que tem empatia, que respeita a diversidade e é capaz de transitar por ela sem bloqueios e conflitos. O multiletramento é chave para ler esse mundão que está diante de nós.

4

DICAS

Como controlar o uso das telas pelos filhos?

5

EDUCAÇÃO INFANTIL

Matemática se aprende na brincadeira

8

FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

Os benefícios do Programa de Convivência Ética

10

FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

O ensino de espanhol ganha musculatura

13

ENSINO MÉDIO

Estratégias para encerrar os vestibulares holísticos

16

TRILHAS

O aprendizado além das paredes da sala de aula

18

INGLÊS

Os cursos de férias no exterior que o Vital passa a oferecer

20

ARGUMENTO

Sofia Bittencourt escreve sobre a Cultura de Paz

Como controlar o uso da internet pelos filhos

1 OS PAIS PRECISAM ESTAR CONSCIENTES SOBRE OS RISCOS DE OS FILHOS USAREM A INTERNET SEM REGRAS E SUPERVISÃO. Hoje, 96% das crianças e jovens entre 9 e 17 anos, ou cerca de 27 milhões de indivíduos, estão na rede. É um mar de gente em formação, vulnerável, solta numa rua pública digital, exposta a toda sorte de conteúdos inapropriados e de pessoas mal-intencionadas.



Por **Kelli Angelini**,
advogada,
especialista
em direito e
educação digitais

2 É PRECISO IMPOR LIMITES QUANDO SE DÁ AO FILHO UM APARELHO COM ACESSO ILIMITADO À INTERNET. Os conteúdos online são produzidos para capturar a atenção, para dar satisfação, prazer ao cérebro, fazendo com que a gente fique muito tempo na frente das telas. Um dos limites, portanto, é o tempo de uso.

3 A SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA FORNECE PARÂMETROS PARA O TEMPO DIÁRIO DE CONEXÃO. Até 2 anos, a criança não deve ter nenhum contato com telas. De 2 a 5 anos, no máximo uma hora. De 5 a 10 anos, no máximo duas horas. Acima dos 10 anos, os pais devem estabelecer o limite levando em conta o cotidiano do filho (incluindo nesse cálculo as horas de sono), de maneira que o tempo online não prejudique as atividades diárias.

4 OS CELULARES JÁ VÊM EQUIPADOS COM DISPOSITIVOS DE CONTROLE PARENTAL. Use-os. Eles permitem estabelecer horário e tempo de uso, selecionar conteúdos e bloquear os inapropriados. Também é possível instalar programas de controle parental em notebooks, tablets e computadores.

5 OS PAIS PRECISAM SABER O QUE OS SEUS FILHOS ESTÃO ASSISTINDO NA REDE, QUE JOGOS ESTÃO BAIXANDO, QUE INFLUENCIADORES ESTÃO SEGUINDO E SE ESSES CONTEÚDOS ESTÃO ALINHADOS AOS VALORES E CRENÇAS DA FAMÍLIA. Ser pai na era digital dá trabalho, sem dúvida. Mas esse acompanhamento é fundamental.

6 É PRECISO ORIENTAR OS FILHOS PARA QUE SEJAM RESPEITOSOS AO INTERAGIR NAS REDES, PARA QUE NÃO REPRODUZAM MATERIAL E INFORMAÇÃO DE ORIGEM DESCONHECIDA, SENSÍVEL, CONTROVERSA OU QUE POSSA CONFIGURAR CRIME. A internet não é uma terra sem lei. Conteúdos são rastreáveis e seus disseminadores podem ser responsabilizados judicialmente.



Brincando de aprender

Com jogos, atividades lúdicas e quadro numérico interativo, os pequenos adquirem as primeiras noções de matemática

Sombrio pesadelo para muitos pais e mães nos tempos de escola, a matemática não tem cara de bicho-papão para os pequenos do Vital Brazil. Com trilhas lúdicas, jogos de dados e ações conjuntas em sala de aula, as crianças da Educação Infantil travam contato com números e noções matemáticas de modo divertido.

A jornada começa aos 3 anos, no Infantil 3, e vai até o 1º ano do Ensino Fundamental, com objetivos claros nas diferentes etapas do desenvolvimento. No fio desse percurso, os pequenos adquirem um repertório-base para uso no seu dia a dia. Aprendem a reconhecer números em ambientes diversos, como elevadores e fachadas de casas, a diferenciá-los das letras presentes nos crachás com seus nomes, que ficam em sala de aula.

O trajeto é traçado em linha com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), definida pelo Ministério da Educação (MEC). Ela estabelece cinco Campos de Experiência para a Educação Infantil, a partir de

vivências consideradas fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento da criança. Estão lá, por exemplo, a construção da identidade e da subjetividade (campo “O eu, o outro e o nós”), a exploração do espaço com o corpo e as diversas formas de movimento (“Corpo, gestos e movimentos”) e a aquisição de noções de espaço, tempo e quantidade (“Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”).

“HÁ TODA UMA INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA POR TRÁS DAS BRINCADEIRAS FEITAS EM SALA DE AULA, QUE AJUDAM A CONSOLIDAR UMA BASE MATEMÁTICA E A DESMISTIFICAR A DISCIPLINA.”

Camila Petrolina

“Há toda uma intencionalidade pedagógica por trás das brincadeiras feitas em sala, que ajudam a consolidar uma base matemática e a desmistificar a disciplina para o aluno desde pequeno”, diz Camila Petrolina, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental, que prepara uma apresentação do letramento matemático para a

Mostra Cultural do Vital Brazil deste ano. O evento acontece em outubro.

Aos 3 anos, a realidade é aquilo que podemos ver e tocar. Se a mãe se esconde durante uma brincadeira, a criança pensa que ela desapareceu. O mundo é,



então, um dado concreto e presente. O universo matemático é muito abstrato para essa faixa etária. Para aproximá-los, a professora deve trazer os diferentes conceitos para o concreto, apresentando-os de forma real e lúdica, navegar por seu repertório, para que, de mãos dadas com eles, possa levá-los a ultrapassar seus limites imediatos.

“O ensino se volta a propostas que iniciem um entendimento da função social dos números. Por exemplo: no quadro numérico da sala, onde se veem os números de 1 a 10, contamos quantos compareceram naquele dia e quantos faltaram. Quando estamos no tanque de areia ou brincando com uma bacia, testamos quantos cabem dentro, criando assim noção de quantidade e também de dentro e fora”, diz Carina Portilho, professora do Infantil 3. “Usamos caixas, empilhamos brinquedos, tudo dentro do repertório deles”, diz.

No jogo de dados, imaginação e contagem são estimuladas lado a lado. Se a professora sugere brincar de sorveteria, cada criança vai precisar pegar a quantidade de palitos de sorvete correspondente ao que tirar ao lançar o dado. “Se sai o número 6, eles pegam seis palitos de sorvete, e buscamos o número no quadro numérico, a princípio com a minha ajuda.

Com o tempo, eles vão aprendendo a contar até chegarem sozinhos ao número sorteado”, diz Carina.

O quadro numérico, presença certa em todas as salas, ganha novas versões e recursos, de acordo com o avanço das turmas. Assim, o Infantil 4 e o 5 dão continuidade ao trabalho iniciado aos 3 anos, mas com um quadro cada vez mais complexo. Ele passa a mostrar os números de 1 a 30 para o grupo de 4 anos e a ser mais interativo no Infantil 5, quando a criança pode juntar algarismos para formar um número (2 e 0 formam 20, por exemplo).

Também o calendário da classe evolui. É linear na educação infantil, em que os números são dispostos um ao lado do outro, a cada dia, ajudando a criar a noção da passagem do tempo. No 1º ano, já tem o formato convencional que conhecemos, com uma série de datas destacadas a cada mês: aniversários da turma, feriados, festas e eventos

aguardados, como as festas juninas, cuja aproximação é acompanhada por todos. “De olho no calendário, a criança entende que dormiu, acordou, passou um dia. Ela se apropria daquilo que está vivendo. A educação infantil se concentra no tempo vivido”, diz Camila.

Os jogos e as brincadeiras em roda continuam na base das aulas, sempre relacionando números e quantidades – de palitos, tampinhas ou outro obje-

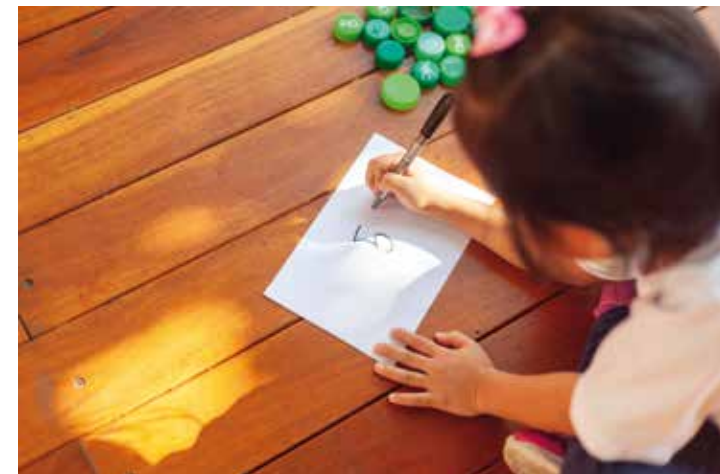
to. No Infantil 4, trilhas sonoras, como a da Corrida dos Bichos, põem as crianças em movimento. O registro de quantidades é feito com utensílios simples, como tampinhas, mas as crianças também começam a traçar os números. No ano seguinte, elas os escreverão de próprio punho.

Outro marco do Infantil 4 é o início da lição de casa – bem de leve, é verdade. A criança passa a ter a responsabilidade de levar algo da escola para casa e depois trazer de volta para a escola. O estímulo, que ganhará densidade nos anos seguintes, serve de reforço à autonomia do aluno.

O 1º ano, que já faz uso de um livro didático, o Faça!, e de uma plataforma digital, a Matific, são quatro lições de casa por semana. Mas sempre com muitas brincadeiras. O Faça!, por exemplo, propõe jogos como o Soma 5, com cartas numeradas de 1 a 5, que leva os alunos a juntarem cartas com os colegas e a totalizarem os números. Ou o Jogo da Centopeia, em que desafios são propostos com pontuações diferentes a conquistar. No final, a soma dos pontos obtidos é que determinará o vencedor.

Uma característica importante é que os jogos na Educação Infantil são sempre coletivos. Neles, o uso dos dados e a dramatização, com apelo à fantasia, são grandes aliados de professoras e alunos. No Infantil 5, muitas brincadeiras usam dois dados ao mesmo tempo, levando as crianças a somar. No 1º Ano, o jogo do mercadinho lida com soma e subtração, principalmente para quem fica no caixa.

Outro ponto em comum nesse percurso é o papel das professoras, instigando os alunos com perguntas, fazendo-os relacionar informações e chegar a conclusões por conta própria. “As perguntas são fundamentais para o desenvolvimento da matemática. Assim como a comparação e a análise dos resultados de um e de outro, porque ampliam o olhar e criam repertório”, diz Camila.



Lugar de diálogo e acolhimento

O Programa de Convivência Ética desenvolve as habilidades socioemocionais dos alunos e promove a harmonia na sala de aula

João Leite Lopes Beyer, aluno do 5º C, já se acostumou e é um dos momentos da aula de que mais gosta: a professora pede para que todos na classe parem o que estejam fazendo e se concentrem na própria respiração. Nesse momento, João começa gradativamente a inspirar cada vez mais fundo e a soltar o ar sem pressa, como lhe foi ensinado. “Ajuda muito a gente a se acalmar e voltar a atenção para o que precisa ser feito”, explica.

O Momento Mind, que utiliza práticas de mindfulness, ajuda a turma a ganhar foco e atenção. É uma prática diária dos alunos do 2º ao 5º ano e integra o Programa de Convivência Ética dos Anos Iniciais, um rol de ações e projetos que tem como objetivo proporcionar um ambiente escolar cada vez mais seguro e acolhedor e formar alunos empáticos, que sabem interagir e respeitar as diferenças.

“O Programa desenvolve as habilidades socioemocionais em paralelo ao desenvolvimento das competências cognitivas, de acordo com a nossa missão, que é proporcionar uma formação integral aos alunos”, explica Vanessa Inagaki, coordenadora dos Anos Iniciais. O tema não é novidade no Vital. Desde 2016, o colégio conta com a consultoria da educadora Flávia Vivaldi, que ajuda escolas a cons-

truir ambientes saudáveis e democráticos para seus alunos e a desenvolver estratégias para prevenir e mediar conflitos. O trabalho de Flávia envolve cursos regulares de formação para os professores e palestras para pais de alunos, entre outras atividades.

Ao longo desses oito anos, o Programa foi sendo moldado e encorpado. Hoje ele compreende diversas iniciativas. Entre as ações diárias, além do Momento Mind, as crianças recebem as Pílulas de Valores Vitais. “Costumo abrir as aulas com elas. É uma reflexão com a turma sobre algo que a gente viveu, que nos tocou, que pode melhorar, ou um *insight* que surge de uma leitura que estamos trabalhando em sala de aula”, explica a professora Júlia Costa. A reflexão pode ser estimulada por um texto, uma poesia ou até mesmo por um vídeo curtinho, que são “prescritos” aos alunos.

Toda sala da Ensino Fundamental – Anos Iniciais conta com o Mural de Convivência Ética, um quadro que lembra aos alunos os valores que regem o seu desenvolvimento integral, como o respeito ao ambiente da escola e a paixão pelo conhecimento. Essa baliza funciona em associação com os combinados, que são os acordos pactuados no começo do ano pelos próprios alunos de cada uma das turmas.

Os combinados ajudam a estabelecer um cotidiano harmônico na sala de aula. Por exemplo: o respeito mútuo.

A partir do 4º ano, cada sala elege o seu representante de classe. O processo é democrático. Os candidatos apresentam sua plataforma e a escolha é feita em sistema de votação. “É um exercício de autonomia e protagonismo muito importante para os alunos. E no qual a gente vê reflexos da cultura ética que vivenciamos”, diz Vanessa. Ela se recorda de um candidato do 4º ano cuja agenda era “garantir a gentileza”.

A promoção da gentileza faz parte do projeto que os alunos dos Anos Iniciais desenvolvem ao longo do ano nas aulas semanais de Convivência Ética. No 2º ano, o tema é “Aprendendo a conviver, lidando com as diferenças”, no 3º ano é a vez de “Gentileza gera gentileza – Aprendendo a ouvir e ser assertivo”, no 4º “E sou parte!”, que estimula a colaboração, e, no 5º ano, “Bússola – Onde estou e para onde vou”, que trata da passagem para o novo ciclo escolar e das mudanças que os alunos enfrentarão no 6º ano. “É uma formação gradativa, que respeita muito cada momento da criança”, ressalta Vanessa.

Neste ano, o Programa de Convivência Ética tem ainda o compromisso de estimular a Cultura de Paz, um conjunto de valores instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU) que rejeita a violência e aposta na resolução de conflitos por meio do diálogo e da negociação. Uma das primeiras atividades foi convidar os alunos dos Anos Iniciais a desenhar o símbolo que vai chancelar as ações da escola sobre o tema. O engajamento das crianças foi gigante, assim como a expectativa pela escolha do selo vencedor.

João Leite, aluno do 5º ano: a prática de respiração ajuda a acalmar e dar foco

A DIFERENÇA ENTRE PROVOCAÇÃO, BULLYING e ASSÉDIO

Em janeiro, foi sancionada a Lei 14.811/2024, que tipifica o *bullying* como crime. Para a consultora Flávia Vivaldi, a nova legislação impõe uma compreensão do que é o fenômeno e de como ele se diferencia dos problemas de convivência comuns a qualquer grupo social, como uma turma de alunos. Segundo ela, os conflitos mais recorrentes em sala de aula são as incivildades e provocações. No primeiro caso, trata-se daquelas posturas fora das convenções, como falar alto, gritar, usar palavrões. A provocação acontece em todas idades. “O vídeo que a gente acha engraçadinho de um bebê arrancando a chupeta do outro é uma provocação. E, conforme a criança vai crescendo, a provocação vai se refinando”, diz ela. Entre os pré-adolescentes e adolescentes, a provocação costuma trazer uma pitada de humor, numa observação sobre a aparência, sobre um jeito de falar, e cumpre até mesmo uma função social. Está, por exemplo, no flerte entre meninos e meninas que se provocam.

Já o *bullying* é uma manifestação de violência com aspectos bem nítidos, que o caracterizam. Um deles é a repetição. A intimidação acontece pelo menos três vezes na semana. Outro ponto é que o agressor precisa do sofrimento da vítima, pois é disso que se alimenta. A vítima não é qualquer um, mas alguém frágil do ponto de vista psicológico, que não consegue pedir ajuda. O agressor também precisa de uma plateia testemunhando a sua ação. Ele costuma sempre andar na companhia de dois ou três parceiros, os coautores. E, finalmente, o *bullying* acontece entre pares, “entre pessoas que ocupam o mesmo papel social”, explica Flávia. O *bullying* se dá, por exemplo, entre alunos. “Entre professor e aluno, relação em que há a hierarquia, não é *bullying*, mas assédio”, esclarece.



No Programa de Convivência Ética os alunos têm palestras sobre conflitos e participam de atividades, como a criação de um selo sobre a Cultura de Paz



A vitalidade do espanhol

A disciplina ganha reforço de professores e oferece a proficiência em um idioma valorizado no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho

O espanhol é a segunda língua no mundo com mais falantes nativos, cerca de 460 milhões de pessoas. É também o segundo idioma mais estudado. Os Estados Unidos são o segundo país no planeta com o maior número de falantes de espanhol. E o Brasil faz fronteira com sete países *hispanohablantes*. Dominar a língua de Cervantes, como se vê, abre um leque de possibilidades para quem imagina no futuro estudar ou trabalhar no exterior. Para os alunos do Vital Brazil, essa é uma possibilidade concreta. O espanhol faz parte da grade de disciplinas dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Ministrado do 6º ao 9º ano, o ensino do idioma confere ao final desse período a possibilidade de o aluno obter, no mínimo, uma certificação internacional de nível B1, exigida, por exemplo, para cursar uma pós-graduação nos países hispânicos.

Reflexo dessa crescente relevância do idioma, a equipe de espanhol ganhou musculatura em 2024 com a incorporação de dois novos professores: o argentino Hector Mario Zanetti, que responde pelas turmas do 8º e 9º anos, e de Lucas Leme de Moraes, *maestro* do 6º ano. A dupla se junta a Desirée de Georgan Vieira, que cuida do 7º ano, e passou a dividir com Hector as aulas do curso preparatório para os exames do DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira), oferecido aos alunos do 9º ano (*ver quadro*). “O ingresso de novos professores, com diferentes experiências, um deles nativo, proporciona aos nossos estudantes visões diversas sobre a língua, um ganho fundamental”, comemora Cátia Alves, coordenadora pedagógica dos Anos Finais.

Diferentemente do ensino de inglês, em que os alunos são divididos de acordo com o seu nível de proficiência, as aulas de espanhol são ministradas respeitando os anos escolares e utilizando uma abor-

dagem imersiva. O objetivo é desenvolver as quatro habilidades que levam ao domínio do idioma: leitura, compreensão auditiva, conversação e escrita. “No 6º ano, o aluno é introduzido ao nível básico do espanhol e, ao completar os Anos Finais, atinge o nível intermediário de conhecimento a língua”, explica Desirée. “Se tiver interesse, ele pode continuar estudando durante o Ensino Médio, já que o espanhol é oferecido como uma disciplina eletiva”, diz ela, descrevendo uma opção que tem atraído um número cada vez maior de alunos.

O espanhol não está tão disseminado no cotidiano do brasileiro quanto o inglês, que é predominante em redes sociais, filmes, séries e no uso de expressões pelos jovens, entre muitas outras esferas. Mas desfruta de uma vantagem importante quando se pensa em aprendizado: é uma língua latina como o português, com uma estrutura bastante semelhante ao nosso idioma materno. “Os termos técnicos da gramática, inclusive, são muito parecidos. Portanto, a abordagem com os alunos enfatiza as diferenças com o português e aproveita aquilo que é igual”, diz Desirée. “A verdade é que, se o aluno vai bem no português, ele vai se dar bem no espanhol. Quanto maior for o vocabulário dele em português, mais facilmente ele compreenderá o espanhol.”

Se a proximidade com o português ajuda, o desafio está na diversidade de vozes do espanhol. A língua é um organismo vivo, em constante transformação ao incorporar palavras, assumir gírias, variar geograficamente. Os nossos vizinhos sul-americanos que falam espanhol têm as suas diferenças, de sotaque, significado de palavras e expressões. Para dar conta desses regionalismos, os professores trabalham a partir de uma base universal do espanhol, que se apoia na norma



A equipe de **maestros**:
Lucas, Desirée e
Hector (da esq. à dir.)

culta. E, conforme o estudo avança, o aluno vai sendo apresentado às diferentes tonalidades da língua. “A gente procura trazer, por exemplo, uma entonação própria do jeito de falar do chileno, uma característica que argentinos e uruguaios compartilham, comparações de vocabulário entre os países, entre outras estratégias”, diz Zanetti.

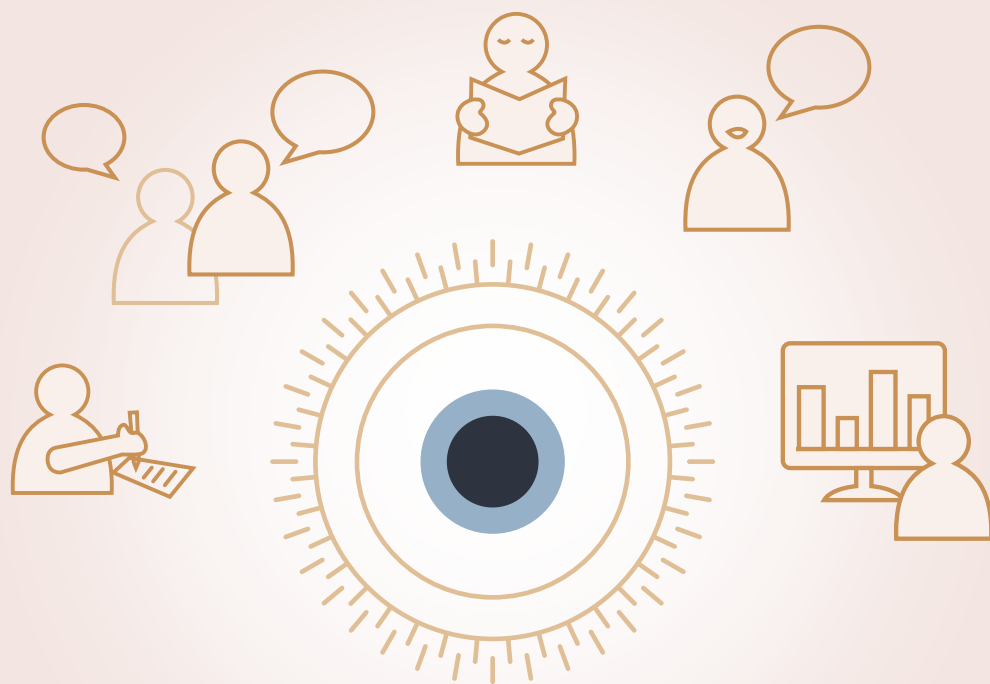
O objetivo é que, a partir de determinado nível de conhecimento do idioma, o aluno escolha a sua voz preferida, ou seja, a variante do espanhol com a qual pretende se expressar. Pode parecer um preciosismo, mas imagine um estrangeiro que aprendeu português e fale misturando o sotaque carioca com o gaúcho. “Vai soar bem estranho. Por isso é importante escolher a voz dominante”, aconselha Hector.

O domínio da língua espanhola é um requisito cada vez mais valorizado na vida acadêmica ou no mercado de trabalho – seja qual for a voz escolhida. Cursos como o de relações internacionais, por exemplo, costumam exigir proficiência em inglês e espanhol, e muitas vezes de uma terceira língua. Desirée lembra que, na disputa por uma colocação profissional, a apresentação de uma certificação apenas não basta. Às vezes, será preciso, por exemplo, ser entrevistado ou gravar um vídeo em espanhol.

O ensino da língua hispânica durante os Anos Finais oferece essa desenvoltura. Pois, além do aprendizado do idioma, permite um mergulho na riqueza cultural dos países da comunidade *hispanohablante*. No final deste ano, por exemplo, os alunos do Vital irão encontrar caveiras decorando os corredores e cruzar com colegas caracterizados de esqueletos. Essa é a proposta para que os alunos sintam o gostinho de uma das festas mexicanas mais populares que será lembrada na escola: o *Día de Muertos* – prova de que o espanhol está cada vez mais vivo no Vital.

FOCO EM CERTIFICAÇÃO

Ao final do 9º ano, os estudantes têm a opção de prestar o DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira). Para quem vai enfrentar a prova, o Vital oferece um curso preparatório de dez semanas, com aulas no contraturno, focado nas exigências do exame. O DELE é um certificado de validade internacional expedido pelo Instituto Cervantes, com chancela do Ministério da Educação e Formação Profissional da Espanha, que comprova o grau de competência e domínio do idioma espanhol em seis níveis. Os alunos do Vital estão preparados para realizar as provas do nível intermediário B1. Em 2022, 43 alunos se submeteram ao DELE, com índice de aprovação de 95,6%.



Um olhar para o futuro

A abordagem transversal de temas, com debates e apresentações, a leitura crítica de livros e o amplo leque de disciplinas eletivas preparam alunos para os novos formatos de vestibular

Foram diversas as transformações observadas para o ingresso nas universidades nos últimos anos. Há atualmente, como forma de acesso ao ensino superior, não apenas avaliações e questões a serem resolvidas, mas análises voltadas para aspectos que envolvem a interação entre os candidatos e desafiam o estudante a enfrentar situações próximas àquelas encontradas pelos profissionais no futuro.

Em um desses novos contextos avaliativos, nos deparamos com o seguinte: José é estudante de medicina do Einstein, curso ligado ao hospital de mesmo nome, um dos maiores de São Paulo, mas vem faltando às aulas. E tem lá os seus motivos, como expõe ao candidato que deseja ser seu colega, e que deve ouvi-lo e ajudá-lo, enquanto é avaliado. José, vale dizer, é um personagem vivido por um ator. E sua história, fictícia, uma das diversas situações-problema coloca-

das pelo processo seletivo do Einstein, cujo vestibular foge do convencional.

“Na primeira situação-problema, estava um pouco tensa, depois fui me acalmando. A experiência no Vital Brazil me ajudou, porque na escola aprendemos a argumentar e a apresentar ideias de forma clara, acessível e sucinta”, diz Carolina Ronchi Bete, 18 anos, que fez todo o Ensino Médio no Vital e foi aprovada no Einstein, mas optou cursar medicina na Santa Casa. “A ONU Vital, por exemplo, é um super-treino nesse sentido. Você aprende a se posicionar, a defender uma ideia, desenvolve o pensamento crítico”, conta Carol, mencionando o programa que simula em sala de aula uma assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU).

A ONU Vital é uma iniciativa que une professores das mais diversas áreas e dá ênfase à criação de

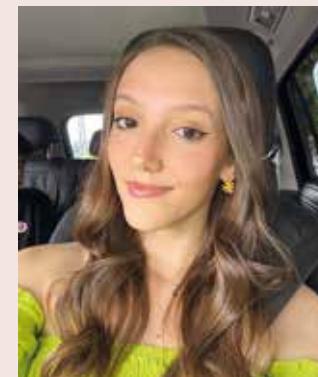
repertório, ao debate e à articulação de ideias. Uma formação que prepara o aluno não apenas para vestibulares no novo contexto, mas para situações comuns na atividade profissional em diversas áreas.

Na sala de aula, ocorrem atividades de leitura em que se estuda o conceito de democracia no século XX, por meio de disciplinas diversas, como geografia, história, filosofia e sociologia. Assim o tema é tratado de modo a empregar conceitos de diversas áreas, além de expor e analisar autores e obras relevantes para o propósito. “Trabalhamos com os alunos desde o início do ano, abrindo espaço para que tirem dúvidas e informando os critérios de avaliação. Um deles é a coerência na linha de raciocínio do grupo, na apresentação e na abordagem do assunto, que pode ser um recorte. É preciso dominar o tema para falar sobre ele”, diz a professora Michele Rodrigues, assessora de ciências humanas tanto

do Ensino Fundamental II como do Ensino Médio.

Outra atividade que prevê pesquisa aprofundada e apresentação afiada é a Mostra Cultural, evento anual que acontece em outubro, mas começa a ser pensado já em fevereiro. Nesse intervalo, os professores orientam as turmas sobre recortes temáticos, técnicas e métodos de pesquisa, de acordo com a disciplina de metodologia científica, oferecida pela escola. Pouco antes, em agosto, acontece a mostra interna do colégio, na qual são escolhidos trabalhos para participar de eventos externos, como a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace), que já rendeu prêmio ao colégio. “Independentemente da área de interesse do aluno, é importante desenvolver habilidades de análise, colaboração, argumentação e síntese”, afirma André Rebelo, coordenador do Ensino Médio.

Entre os estudantes das ciências biológicas, Carol Bete viu-se benefi-



“A EXPERIÊNCIA NO VITAL ME AJUDOU, PORQUE APRENDEMOS A ARGUMENTAR E A APRESENTAR IDEIAS DE FORMA CLARA, ACESSÍVEL E SUCINTA.”

Carolina Ronchi Bete



Alunos se exercitam na redação: repertório é fundamental

ciada por esse esforço intelectual na segunda fase do vestibular do Einstein. Ela terminou a primeira etapa em 248º lugar e na seguinte, marcada pelas situações-problema e pela necessidade de argumentação, saltou 120 posições. “Vejo diferença entre o pessoal do Vital e o do cursinho, que chega à prova com respostas prontas, ideias comuns”, diz.

Os reforços, entretanto, não se restringem às ações que fazem a turma falar com propriedade sobre assuntos examinados. Desenvolve-se também, no Ensino Médio, um conjunto de disciplinas eletivas, que o estudante escolhe para compor o seu itinerário formativo. Vai da farmacologia à fotografia, do biomimetismo ao jornalismo no contexto contemporâneo. “As eletivas foram pensadas para ofe-

recer a oportunidade de reflexão, que, em um currículo regular, o estudante não teria. No biomimetismo, por exemplo, ocorrem discussões sobre como a tecnologia imita processos e sistemas encontrados na natureza. Buscamos criar inovações por meio desses modelos para solucionar problemas e enfrentar desafios”, diz André Rebelo.

Na 1ª série do Ensino Médio, por sua vez, ocorre o início do Projeto de Vida, um programa que não apenas contribui para o desempenho acadêmico do estudante, mas também trabalha com suas ambições pessoais. Metas para o futuro são criadas a partir do presente – a partir do que se vive e do que se deseja viver. “Não é apenas uma reflexão sobre organização e planejamento escolar. Compartilhamos a importância de estabelecer critérios de escolhas e seus significados, autoconhecimento, autocompaixão, estabelecer metas para alcançar objetivos pessoais e acadêmicos e mudar a trajetória sempre que necessário”, explica André.

Outra ex-aluna aprovada em medicina no Einstein e na Santa Casa, pela qual optou, encontrou nos exames de vestibular temas de tecnologia e sociedade hoje discutidos na imprensa, no mercado de trabalho e também no Vital. “Ao longo do Ensino Médio, nós debatemos assuntos como machismo e Chat GPT, que acabaram caindo nas provas. As aulas de redação também foram fundamentais nesse preparo”, diz Livia Freitas Ono, que estudou no Vital do 9º ano à 3ª série do EM.

A experiência de Livia endossa o propósito das aulas de redação, elaboradas para formar mentes capazes de navegar pelo

mundo contemporâneo. Para isso, a curadoria dos livros indicados no Vital leva em conta a qualidade do autor, além de sua presença nas listas de vestibulares e seu alinhamento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, conta com nomes como o indígena Ailton Krenak e a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

Há aulas de leitura coletiva. “O aluno deve ser capaz de fazer uma leitura complexa, profunda, não superficial. Quando lemos juntos, relacionamos conteúdos, levantamos ideias para que a turma se aproprie do material e se torne capaz de refletir sobre aquilo que está lendo. É uma leitura questionadora, que cria diálogos entre autores, textos e épocas”, explica o professor Tiago Gomes, assessor de língua portuguesa.

Todos os anos, como parte da estratégia para acompanhar as mudanças nos processos seletivos, o time de professores do Vital Brazil atualiza suas fontes de leitura e pesquisa, bem como desenvolve novos tópicos e temas. Foi desse modo que as avaliações passaram a incluir apresentações em grupo e exames orais, nos quais o aluno tem a sua capacidade de articulação posta à prova. “Os vestibulares apresentam questões com diferentes níveis de complexidade e precisamos manter nosso foco na formação de nossos alunos para promover condições de análise não apenas com as questões de vestibular, mas também para dialogar com as complexidades e os desafios atuais”, garante André.

Enfim, seja na modalidade tradicional, seja nas diversas formas de ingresso no ensino superior, os estudantes do Vital estão preparados para se apresentar ao mundo de olho no futuro.

Para além das paredes

Atividades fora da sala de aula proporcionam aprendizados que complementam a teoria e vão além dela

O Vital Brazil ficou mais verde em 2024. Criado para acolher turmas de todas as idades a partir de fevereiro, o bosque do colégio tem sido o palco de atividades diversas, que levam o ensino para além das quatro paredes da sala de aula.

A ideia do “desemparedamento pedagógico”, difundida por estudiosos como a educadora ambientalista e professora Léa Tiriba, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), relaciona a fruição de espaços livres e ambientes ricos em natureza à saúde física e mental e ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais.

É esse bem-estar integral, holístico, que o Vital abraça. Estudos vêm mostrando que a redução de áreas verdes, somada à perda de autonomia e liberdade nas cidades, resulta em crianças e adolescentes confinados de várias maneiras – em telas, por exemplo.

Na contramão dessa tendência, a ideia é não apenas ultrapassar os limites da sala de aula, e mesmo da

escola, no caso das saídas culturais do Ensino Médio, mas buscar formatos diferentes de aprendizado e despertar, no aluno, curiosidades e saberes que reverberem mesmo quando ele estiver distante do colégio.

As atividades podem variar de acordo com o espaço, o tempo e a idade. Veja a seguir como cada segmento de ensino trabalha a ideia do “desemparedamento”.

Educação Infantil

Abrir a porta da sala de aula para que as crianças ganhem o espaço externo é abrir a porta para uma série de estímulos. A história de um passarinho que gosta de comer determinada frutinha ganha cores reais quando é lida junto a pássaros e frutos de verdade. Um jogo de matemática entre árvores, sobre o deck de madeira, faz ver o entorno, reconhecer que somos parte de uma comunidade. Caminhar descalço sobre a grama faz perceber a diferença entre os tipos de solo e o sentido do tato na sola do pé. Observar um inseto é, por si só, uma aula de ciências.



“AO LONGO DO ENSINO MÉDIO, DEBATEMOS ASSUNTOS COMO MACHISMO E CHAT GPT, QUE ACABARAM CAINDO NAS PROVAS. AS AULAS DE REDAÇÃO TAMBÉM FORAM FUNDAMENTAIS.”

Livia Freitas Ono

“A sala de aula é um ambiente de referência para a criança. Ela é importante, é acolhedora, é o seu lugar na escola. Mas, ao longo da rotina, e sempre dentro de um projeto pensado pelas professoras, podemos transpor atividades para o espaço aberto, o que vai trazer novas possibilidades e significados para a criança, vai trabalhar a psicomotricidade, a relação entre o motor e a cognição. A criança aprende pelos sentidos, por meio do corpo, da experiência, e tudo o que é significativo para ela deixa marcas que a ajudarão a construir seu crescimento na vida”, diz Camila Petroline, coordenadora da Educação Infantil e do 1º ano.

“A gente entende a criança como um ser integral, em que o cognitivo, o motor e o emocional não estão dissociados. Quando se mexe, se exercita, a criança também está aprendendo. É importante que ela se perceba enquanto ser em movimento no mundo.”

Ensino Fundamental – Anos Iniciais

De lupa em punho, os alunos do 2º ano entraram no bosque para fazer uma atividade que antes constituía mais um exercício imaginativo do que de observação científica: estudar a flora. Com a lente, puderam ver de perto as particularidades da planta escolhida, que depois seria refeita em traços a lápis. “Foi um processo investigativo muito rico, de analisar o detalhe. Fazemos o mesmo com os insetos”, conta Vanessa Inagaki, coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (EFAI).

Vanessa já acompanhou algumas turmas do EFAI em atividades realizadas no bosque e percebeu que a concentração da garotada, diferentemente do que se poderia pensar, chega a ser maior do que em espaços fechados. “Vamos uma vez por semana à biblioteca, que é um espaço fantástico, onde fazemos empréstimo de livros, leitura coletiva de literatura e clube de leitura para socializar o que é consumido em casa. Mas percebemos um envolvimento das crianças diferente no bosque.”

Rotacionar os espaços, frisa a coordenadora, é importante até para o autoconhecimento: permite a cada um reconhecer do que gosta mais. Essa metodologia é aplicada, por exemplo, à Sala Maker. Nela, as professoras criam estações por onde as crianças circulam, cada uma com uma atividade distinta, mas relacionada ao tema tratado na aula. “O aluno passa por diferentes experiências para chegar a uma conclusão do assunto estudado, de modo mais autônomo, mesmo quando a atividade é realizada em grupo.”

Ensino Fundamental – Anos Finais

Em maio, as turmas do 6º ano realizam a sua saída pedagógica com destino ao Parque Geológico do Varvito, em Itu, no interior de São Paulo. Varvito é o nome de uma rocha sedimentar formada por uma sucessão de camadas sobrepostas, testemunha da idade glacial ocorrida há cerca de 280 milhões de anos, quando boa parte da América do Sul estava coberta por gelo.

No Parque, a garotada pode pegar, sentir e até subir nas rochas de varvito e de outros materiais, conferindo na prática conceitos de geologia que aprenderam em sala de aula. “Essa vivência proporciona um material riquíssimo, muito diferente daquele que a gente consegue acessar na aula convencional”, avalia Cátia Alves, coordenadora pedagógica do Fundamental Anos Finais. Por isso, está em seus planos aumentar o número de saídas pedagógicas das turmas – que acontecem, por enquanto, uma vez por ano – e proporcionar sempre que possível atividades fora da sala de aula.

Uma delas, também em maio, levou alunos, seus pais e professores à Pinacoteca, no centro de São Paulo, com o objetivo de analisar “ao vivo” documentos históricos. Essa turma de alunos participa da Olimpíada Nacional de História do Brasil. “Eles tiveram a oportunidade de dar concretude àquilo que conhecem dos livros. Desemparedar é fazer o encontro da teoria com a prática”, diz Cátia.

Ensino Médio

Para os adolescentes, o conceito de desemparedamento vai mais longe: ele ultrapassa com frequência os limites da escola. Faz parte da rotina, por exemplo, a visita a museus e a ida a espetáculos de dança, teatro e cinema de rua – imersões em arte seguidas por relatos escritos, batizadas de saídas culturais.

Uma aula de fotografia nos limites do colégio, porém, também representa um avanço para o ambiente exterior. Não só porque abre o olhar para o mundo que nos cerca, mas principalmente porque esse despertar segue com o estudante aonde for, fazendo-o ver e refletir sobre aquilo que vê.

“O desemparedamento pode ser literal ou figurado, quando a aula conta com uma dinâmica diferente”, diz André Rebelo, coordenador pedagógico do Ensino Médio, lembrando que os itinerários propostos para esse período fogem todos do convencional.

As aulas eletivas são as mais diversas, de farmacologia à citada fotografia, do biomimetismo ao jornalismo no contexto contemporâneo. O programa aborda os conteúdos por completo: da criação de determinado produto ou serviço (como os medicamentos) à sua chegada ao público final, passando pela formação do profissional envolvido nessa produção.

A já clássica eletiva ONU Vital, que simula uma assembleia da Organização das Nações Unidas, é outra forma de transcender a sala de aula. Aqui, o aluno pode representar um país e defender sua posição a respeito de determinado tema, ou ter uma atuação, digamos, multilateral, no papel de um personagem que deve ouvir todos os lados em discussões que refletem o que se passa no planeta. Nada mais amplo e fincado no mundo.



Aprendizado e diversão

O Vital Connections oferece cursos de férias no Canadá e nos EUA para o aluno afiar o inglês e sentir o clima de estudar em uma universidade lá fora

Um grupo de alunos do Vital vai passar as férias de julho de um jeito diferente. Uma parte vai afiar o seu inglês no exterior, aproveitando para conhecer uma das cidades mais *cool* do Canadá. Outros vão juntar o treino da língua inglesa com aulas sobre empreendedorismo em uma das universidades mais badaladas do mundo. Esses alunos estão inaugurando o Vital Connections, programa oferecido a partir deste ano aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em diante do Vital Brazil.

O curso de inglês, com duração de 15 dias, acontece na Universidade de Toronto, no Canadá. E o de empreendedorismo, também quinzenal, é oferecido pela Universidade de Harvard, em Boston, Estados Unidos. As atividades são ofertadas em parceria com a Experimento, agência de intercâmbio estudantil que já trabalha

com outras escolas do Grupo Godoi Educacional, do qual o Vital faz parte. Além de contar com a estrutura e o apoio dos profissionais

da Experimento, os alunos serão acompanhados na viagem por um professor do grupo.

“O Vital Connections se insere em uma série de novidades que estamos implantando”, explica a diretora pedagógica Suely Nercessian Corradini. “Ele proporciona ao aluno a possibilidade de testar o inglês em situações cotidianas, de experimentar um mergulho na cultura de outro país e a oportunidade de se relacionar com estudantes do

mundo todo, que estarão nesses campi cursando os mesmos programas.”

O nível de proficiência adequado ao programa em Toronto é o B1. Para Harvard, o pré-requisito é o B2, nível do B2 First (FCE), a primeira certificação da Universidade de Cambridge aplicada no colégio. Os estudantes ficam alojados no campus da Universidade de Toronto, localizada no centro da cidade. O dia é dividido entre as aulas de inglês e passeios e excursões pela cidade e arredores, oportunidades em que o aluno põe em prática o que aprendeu na

sala de aula. No programa, visitas à famosa CN Tower e às Cataratas do Niágara, entre outras atrações.

O programa de Harvard oferece a chance de vivenciar o clima do campus da universidade, um dos maiores centros de produção de conhecimento

do mundo. Nesse caso, além de afiar o inglês, o aluno estuda os fundamentos do empreendedorismo e, ao final do curso, apresenta um trabalho em grupo sobre o tema. “O programa tem muito a ver com a cara do Vital, que baseia o seu processo de aprendizagem na investigação e na pesquisa”, diz Suely. Apesar da agenda de aulas em Harvard, há espaço para uma visita programada ao MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), em Cambridge, e tempo para conhecer a história cidade de Boston, o ponto de partida da colonização norte-americana, e desfrutar de suas atrações.

Para além do aprendizado, Suely aponta que um dos pontos altos de ambos os programas é oferecer ao aluno a convivência com a diversidade: de costumes, padrões, experiências e ideias, uma vez que os cursos acontecem em universidades que recebem nessa época do ano estudantes de todos os quadrantes. “É, com certeza, uma experiência riquíssima e impactante, para levar para a vida”, garante.

Júlia de Oliveira Silva, aluna da 2ª série do Médio, concorda que o ponto alto do curso, além da prática do inglês em situações do cotidiano, é a socialização. Ela faz parte do grupo que vai para Toronto e confessa que está ansiosa para julho chegar. “Vai ser a minha primeira viagem para o exterior sem meus pais. Acho que vai dar um frio na barriga.” Valentina Fileti Garrido, do 9º ano, optou por Toronto porque já conhecia Boston. Confiante em seu nível de inglês, ela aposta na experiência de viajar em grupo. “Vai ser divertido e diferente. Toronto parece uma cidade muito interessante”, imagina.

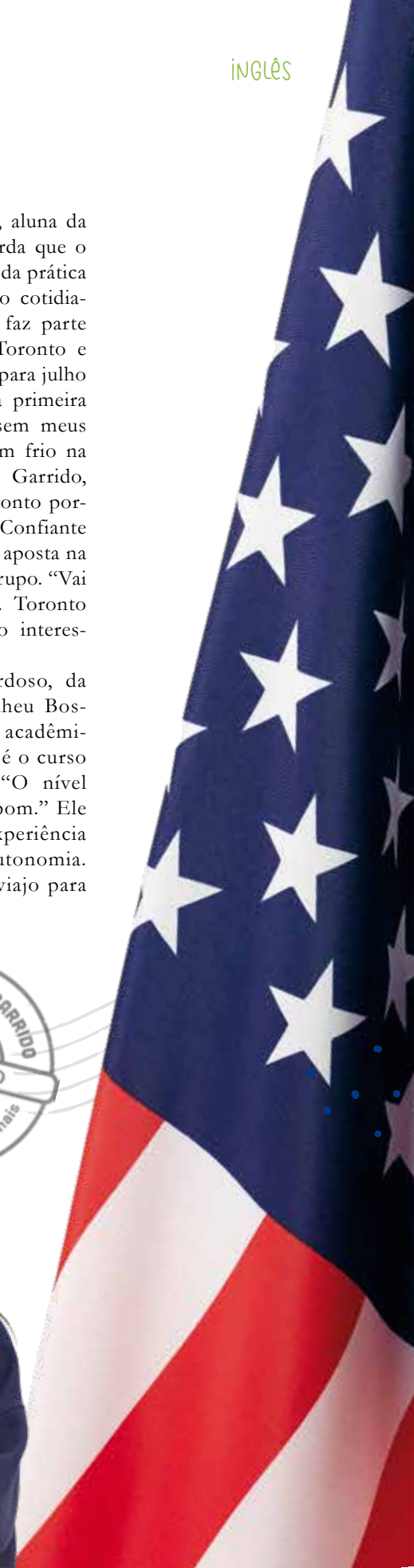
Ricardo Martinez Cardoso, da 2ª série do Médio, escolheu Boston “pela proposta mais acadêmica”. Seu foco prioritário é o curso de empreendedorismo. “O nível do meu inglês já é bem bom.” Ele também aposta que a experiência possa lhe trazer mais autonomia. “Vai ser a primeira que viajo para o exterior sozinho.”

“O VITAL CONECTIONS PROPORCIONA AO ALUNO TESTAR O INGLÊS EM SITUAÇÕES COTIDIANAS, EXPERIMENTAR UM MERGULHO NA CULTURA DE OUTRO PAÍS.”

Suely Corradini

VITAL

JÚLIA DE OLIVEIRA SILVA
2ª série do Médio





O ensino como um antídoto para a violência

Por **Sofia Pacheco Bittencourt**, 3ª série C do Ensino Médio.

A cultura de paz, segundo a Unesco, é fundamentada na prevenção e na resolução de conflitos de maneira não violenta, utilizando-se amplamente do diálogo, além de assegurar as liberdades individuais e empenhar-se em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, como a exclusão e a desigualdade social. Todavia, a sociedade brasileira, como uma organização extremamente violenta e desigual, tem dificuldade de adequar-se a tais padrões, posto que, em 2023, a ONU divulgou que o Brasil lidera o ranking mundial de homicídios, em números absolutos. Logo, é imprescindível a promoção de uma cultura de paz na sociedade brasileira, a fim de que ela se torne mais igualitária, segura e democrática.

De acordo com Darcy Ribeiro, sociólogo e ex-ministro da Educação, em seu livro *O Povo Brasileiro*, a nossa sociedade é conflituosa e violenta. Essa constatação fundamenta-se na origem histórica do povo brasileiro, que reside na relação desproporcional de poder entre portugueses, indígenas e africanos, a qual criou grande desigualdade entre as classes por meio da imposição de valores e de abusos físicos, sexuais, psicológicos e culturais. Tal disparidade de poder, por sua vez, é responsável pela falta de uniformidade no acesso à educação de qualidade entre estratos sociais e, conseqüentemente, ao emprego e à renda. Isso resulta tanto na violência praticada pelos grupos dominantes, uma vez que a educação é usada para perpetuar diferenças de classes sociais ao fornecer conhecimento a certos indivíduos e não a outros, como na violência praticada pelos grupos menos favorecidos, quando pessoas recorrem à criminalidade na busca por ascensão social. Destarte, a violência no Brasil tem raízes históricas profundas e apresenta como sua maior manifestação a disparidade no acesso à educação.

A fim de promover a cultura de paz é necessário providenciar o acesso a escolas de qualidade similar a todos, para que cada pessoa tenha capacidade de exercer sua cidadania plenamente. Em seu livro *Educação como Prática da*

Liberdade, o educador Paulo Freire apontou que o ensino pode deixar de ser o veículo de ideologias alienantes para tornar-se instrumento de transformação do homem e da sociedade. Para o autor, o papel da escola é ensinar o aluno a ler o mundo e nele intervir positivamente. Desse modo, a fim de que a escola deixe de ser uma instituição alienante, que perpetua disparidades e, assim, conflitos, é necessário estimular o pensamento crítico e fornecer recursos a todos de modo igualitário.

Um segundo passo necessário para a construção de uma cultura de paz é a promoção de uma sociedade democrática, pois o princípio da isegoria garante que todos os grupos sociais tenham lugar de fala. De acordo com a filósofa Marilena Chauí, a sociedade democrática é a única na qual o conflito é legítimo e necessário. Entretanto, é usado na mediação institucional e no diálogo, para que o conflito se manifeste de maneira pacífica e para que se chegue a decisões em benefício da maioria. Ademais, é essencial que exista a luta social, ou seja, que as classes populares se mobilizem para promover a criação de novos direitos que atendam a suas necessidades, para que existam cada vez menos carências. Assim, para a promoção da igualdade entre os grupos sociais, é imprescindível a mobilização das classes populares em busca de direitos, com a necessária mediação institucional, a fim de que sejam tomadas decisões que prezem pela paz.

A cultura de paz incentiva a resolução e a prevenção de conflitos por meio do diálogo e da mediação. No entanto, como explica Darcy Ribeiro, a origem violenta do povo brasileiro resultou na disparidade do acesso à educação de diferentes grupos sociais e na interrupção de seu diálogo. Logo, é fundamental que haja o ensino do pensamento crítico para as classes populares, como defende Paulo Freire, para que os diferentes estratos sociais possam lutar por seus direitos de forma pacífica. Desse modo, a sociedade brasileira se tornará mais igualitária, segura e democrática.



**ESPECIAL
VESTIBULAR
2024**

61%
**APROVADOS
EM PÚBLICAS**

9
**APROVAÇÕES
INTERNACIONAIS**

36
**APROVAÇÕES
EM MEDICINA**

**NA JORNADA APAIXONANTE
DO CONHECIMENTO,
OS SONHOS SE TORNAM
CONQUISTAS.**

ESPECIAL VESTIBULAR 2024

40%
DOS ALUNOS
COM NOTA DE REDAÇÃO
SUPERIOR A 900

NOTA DE REDAÇÃO ENEM

900 1000

81 APROVAÇÕES EM ENGENHARIA

18
USP

16
UNICAMP

16
UNESP

17
UNIVERSIDADES
FEDERAIS

14
UNIVERSIDADES
PARTICULARES*

* INTELLI, FEI,
MACKENZIE, MAUÁ,
EINSTEIN, IBMEC.



**Adriano Sarmiento
G. de Oliveira**

Ciências Biológicas
(USP e Unesp)



**Alice Noronha
Penner**

Letras (USP),
Ciências Sociais
(Unicamp)



**Amanda Cristina
Faria**

Medicina
(Mandic e Unisa)



**Amanda Sayuri
Sakay Mizutani**

Química
(USP e Unicamp),
Engenharia Civil
(UFSCAR)



**Anna Carolina
Andreoli de Oliveira**

Direito (PUC, UFOP e
FGV), Administração
Pública (Unicamp)



**Beatriz Guimaraes
Santos**

Moda
(Belas Artes e USP),
Design (Unesp)



**Bernardo Berardi
Miqueloto**

Medicina
(Mandic e Unisa)



**Bruna Colonna
Cruz**

Design (Belas Artes)



**Camille Victoria
Mendes Lourenco**

Farmácia (Unifesp)



**Carlos Eduardo da
E. de Lima e Sousa**

Administração
(PUC e Mackenzie),
Administração Pública
(Unicamp)



**Carolina
Adão Poço**

Farmácia
(Unifesp e Mackenzie)



**Carolina Ronchi
Bete**

Medicina
(FMJ, Santa Casa, USCS,
FMABC e Einstein)



**Carolina Tiemi
Merino Teraoka**

Direito
(PUC, Mackenzie
e Unifesp)



**Caroline Rodrigues
Anantha Krish**

Direito
(FGV e Insper)



**Daniel Kenji
Matsuda**

Eng. da Computação
(Mackenzie), Eng. de
Telecomunicações (Unicamp),
Eng. Elétrica (IFSP),
Eng. Eletrônica e de
Telecomunicações (Unesp)



**Diego Tomas
Rodriguez Casado**

Ciências Contábeis
(Unifesp)



**Eduardo Henrique
Kawaura Nagasaw**

Engenharia Naval (USP),
Engenharia Química
(Unesp e Unicamp)



**Eduardo Suzuki
Forain de Sá Frei**

Construção Civil -
Edifícios (Fatec),
Engenharia Civil (Unesp,
USP e Unicamp)



**Enzo Capozzoli
Alfaro**

Eng. Mecânica (FEI e
Mackenzie), Eng. de
Produção (UFSCAR)



Enzo Dell'oso

Ciências da
Computação (Insper,
Mackenzie e PUC)



**Erik Castagna
Ferreira**

Economia (FGV, IBMEC
e PUC), Ciências
Contábeis (Unifesp)



**Felipe Ponte
B. S. da Costa**

Administração
(IBMEC, ESPN
e Unicamp)



**Fernanda Couto
Scavone**

Medicina
(FMJ e Santa Casa)



**Flávia Letícia
Araújo Faria**

Relações Internacionais
(ESPM),
Letras (Mackenzie e PUC)



**Gabriel Nolasco
Zander**

Medicina (Unisa)



**Gabriela Harumi
Nakamura Ortiz**

Conservação e
Restauração (UFMG),
Eng. Civil (Unicamp)



**Giovanna Queiroz
Alves**

Relações Públicas
(USP e Unesp),
Turismo (USP)



**Giulia Palmiero
Muzaranha**

Economia
(Unifesp, Unicamp
e Unesp)



**Guilherme Silva
Modolo**

Eng. de Controle e Automação (Unesp
e UFMG), Eng. Elétrica (USP), Studies in
Computer Sciences, Mathematics and
Statistics (Universidade de Toronto)*



**Guilherme V.
Jabbour**

Medicina
(Unisa)



**Gustavo Anibal
Santos dos Reis**

Sistemas de
Informação
(Fiap e Mackenzie)



**Gustavo Tabone
Valente**

Medicina
(FMJ e FMABC),
Engenharia Biomédica
(Einstein)



Ian Pereira Simao

Sistemas de Informação
(Inteli), Economia
(IBMEC), Eng. Civil
(UFMG)



**João Luiz Martins
Pontes Neto**

Ciência e Tecnologia
(Unifesp), Eng. de Software
(Inteli), Eng. Informática
(Universidade de Coimbra)



**João Paulo
Stroppa Bittar**

História
(USP, Unicamp
e UFRJ),
Filosofia (USP)



**João Pedro N.
Campanha**

Eng. da Computação (IBMEC),
Eng. de Materiais (Unesp e USP),
Eng. Elétrica (Unifei), Ciências da
Computação (Unesp)



**Jorge Luciano
Cury**

Eng. Produção
(UFSCAR)



**Julia Alves
de Sousa**

Eng. Agrônoma
(USP, UFSCAR e Unesp)



**Julia Brancacio
Passarelli**

Farmácia (Unesp)



**Julia Maria Diniz
Bueno**

Medicina (Santa Casa,
FMJ, UFRJ, Eistein e USP),
Farmácia (USP)



**Julia Tiemi Kii
Asaumi**

Ciências Biológicas
(Unifesp)



**Lais Ayumi Yamada
Nonaka**

Eng. de Produção (Mackenzie
e Unicamp), Eng. de
Materiais (UFSCAR),
Eng. Ambiental (USP)



**Lara de Almeida
Furlan**

Eng. Mecânica (FEI, Mauá
e Mackenzie), Eng. de
Minas (USP), Eng. Alimentos
(Unicamp)



**Leonardo de
Leonel Mantovani**

Economia
(UFF e IBMEC),
Direito (PUC)



Leticia da Silva Pili

Direito
(Mackenzie e PUC),
Administração Pública
(FGV)



**Leticia Midori
Watanabe**

Ciências Contábeis
(USP e Unifesp),
Administração (Unifesp,
PUC e FGV)



**Lia Almeida
Ribeiro**

Direito (PUC),
Enfermagem
(Einstein e Unicamp),
Astronomia (UFRJ),
Ciências Biológicas
(Unesp)



**Livia de Sousa
Rasini**

Medicina (Unilus,
Anhembi Morumbi e
USJT)



**Livia Freitas
Ono**

Biomedicina
(UFMG),
Medicina
(Santa Casa,
Einstein e FMJ)



**Luca de Siqueira
Galhanone**

Engenharia Mecânica
(Unesp, UFMG),
Eng. de Produção (USP)

**DOS ALUNOS QUE
SE INSCREVERAM
NOS VESTIBULARES**

37% FORAM APROVADOS
NA **USP**

73% FORAM APROVADOS
NA **UNICAMP**

94% FORAM APROVADOS EM
**UNIVERSIDADES
FEDERAIS**

81% FORAM APROVADOS
NA **FGV**

* (cont.) Physical and Environmental Sciences (Universidade de Toronto)



**Lucas Antonioli
Melo**

Eng. Naval (USP),
Eng. Química
(Unesp, UFSCAR,
Mackenzie, Unicamp)



**Lucas Nogueira
M. de Carvalho**

Eng. Mecatrônica (USP), Eng.
Elétrica (Unicamp e Unesp),
Medicina (UFRJ), Eng. de Materiais,
Metalurgia e Nuclear (USP)



Lucas Sano

Global Business (University
of South Florida), Business
Administration (Iowa State
University)*



Lucca Mazella

Ciência e Tecnologia
(Unifesp), Eng. Física/
Física (Unicamp),
Física (USP)



**Luísa Jorge
Resende**

Relações Públicas
(Casper Líbero e USP),
Ciências e Humanidades
(UFABC)



**Luíza Saraiva
Campos**

Publicidade (ESPM),
Medicina (Mandic, Unisa,
USCS e Santa Marcelina)



**Marcela Tributino
Penha**

Letras (Unesp)
Psicologia (UFSCAR)



**Maria Clara Garcia
de C. Pinto**

Administração (IBMEC,
FGV, UFRJ e Insper)



**Maria Luísa
A. de Oliveira**

Relações Internacionais
(PUC, USP, Unifesp e
Unesp)



**Maria Luísa
Espontao Ramos**

Engenharia Ambiental
(Unicamp, Unesp e UFV)



**Mariana
Adão Poço**

Farmácia
(Unifesp)



**Mariana Harumi
Kiyan Prado**

Medicina (Santa
Marcelina, UNIP e
Unimes),
Química (UFRJ)



**Mateus Vido
Carreira Paulo**

Direito (Mackenzie)



**Melissa Corona
de Medeiros**

Economia (IBMEC, PUC
e FGV)



**Melissa Zheng
Ruan Mau**

Moda (FAAP)
Biomedicina (PUC)



**Miguel Cagnon
Ridente**

Direito (USP e Unesp)



**Natalia de Oliveira
Sedlacek Moa**

Publicidade (ESPM)



**Nina Maricato
Basso**

Eng. de Alimentos (USP,
UFSCAR e Unicamp), Business
(Macquarie University)



**Pedro Luis
Espontao Ramos**

Eng. Química (USP,
Unicamp e Unesp),
Química (USP)



**Pedro Vilela
Mazoni**

Jornalismo (Casper
Líbero e ESPM)



**Rafael Itami
Tiburcio**

Economia (PUC)
Ciências Atuariais
(Unifesp)



**Rafael Mussi Silva
e Souza**

Eng. Mecatrônica (USP),
Eng. Elétrica (Unicamp, UFRJ
e Mauá), Eng. de Controle
e Automação (Unesp)



**Rafael Pierluigi
das Neves Birolini**

Eng. Mecânica
(Mackenzie), Eng. Química
(USP, Unifesp e Unesp)



**Rafaela Dias
Santiago**

Farmácia (USP, Unesp
e Unicamp),
Medicina (UEMG)



**Renan Menk
Fernandes**

Administração
(Unifesp)



Sarah Yae Koga

Ciências Biológicas
(UFV)



**Tammy Hatori
Ribeiro**

Eng. Aeronáutica (IFSP e
Unesp), Eng. Mecânica
(USP e Unicamp)



**Thais Sciammarella
Taniguchi**

Administração
(Einstein, PUC, Unifesp,
UFSC e Unicamp)



**Thiago Campelo
Gusmao**

Ciência e Tecnologia
(UFABC),
Eng. Ambiental
(Unicamp, Unesp e USP)



**Victoria Fukase
Luposeli**

Publicidade
(Belas Artes, Casper
Líbero e ESPM)



**Vinicius Arroyo
Ponce de Leon**

Eng. Mecânica
(Unicamp, UFRJ e Unesp)
Engenharia Ambiental
(USP)



**Vinicius Cesar
Piazza**

Jornalismo
(Casper Líbero,
Mackenzie e PUC)



**Vinicius de Leonel
Mantovani**

Administração
(FGV, IFBA,
USFM, IBMEC)



**Vinicius Pexe
Zanete**

Sistemas de
Informação (Unicamp)



**Vitor Kenzo
Nishiwaki Fengler**

Ciências da Computação
(Insper, Mackenzie,
Mauá e PUC)



**Yasmin Gasparri
Semmler**

Direito
(Mackenzie e PUC)

**PARABÉNS AOS VESTIBULANDOS POR ABRAÇAREM
ESSA AVENTURA E ALCANÇAREM NOVOS HORIZONTES!**